

# Prefácio

“O feminino entre nós” fala do feminino de todos nós, humanos. O feminino que faz nó ao tecer as redes do eu e do *self*. Fernanda Cristina Dias realizou um trabalho ímpar em seu “diálogo com Winnicott”: situar a contribuição dele às noções de identidade e sexualidade feminina em sua teoria do desenvolvimento emocional. Em sua escrita fluida e muito bem amarrada conceitualmente, ela estabelece um método onde primeiro situa o ambiente histórico, social e político para depois desenvolver uma trajetória conceitual, criando assim ambientes históricos, conceituais e institucionais para a acolhida da questão da mulher. Primeiro, o campo que fez surgir a questão conceitual do feminino em Freud em cinco textos que ela analisa. Depois, ela aborda o feminino e a mulher nos pós freudianos, apontando o caminho da escola de Viena de Freud e a escola de Londres de Abraham, numa abordagem histórica e conceitual muito original. Só então ela faz surgir Winnicott, situando o ambiente institucional e histórico da gênese de seu pensamento, apontando, por exemplo, como o conceito de mãe suficientemente boa traz ecos das questões sociológicas e psicológicas por trás da mãe comum inglesa do século XX.

Em seguida, aparece o cerne de sua tese: as noções de identidade e sexualidade feminina na teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Nesse terreno, ela faz sua contribuição original em três pontos analisados e muito bem construídos, tomando a conceituação winnicottiana. A partir da consideração da formulação winnicottiana de elemento feminino puro e elemento

masculino puro ela estabelece a base identitária para a posterior integração da sexualidade feminina. Ela considera três pontos:

1. o papel central da elaboração imaginativa da vagina e a descrição winnicottiana muito mais elaborada do que a freudiana do papel do atravessamento do Complexo de Édipo e da angústia de castração. O que permite positivar a potencia do feminino, no Édipo de cada um e na Cultura.
2. a positivação do Feminino Puro como a base do sentimento de ser e de existir e do elemento Masculino Puro como a base do fazer: *be-do-be-do*; *ser-fazer*.
3. a demonstração da operação das identificações cruzadas no casal, independente da orientação sexual, demonstrando a diferença entre a disputa de poder na fixação fálica e a feminilidade madura na vida adulta.

“O elemento feminino puro é aquele não impregnado pelo conceito de mulher; é o feminino ligado ao ser, presente em todos os indivíduos e essencial para a base identitária.” Essa frase é o centro do trabalho de escrita de Fernanda Cristina Dias, com muitos desdobramentos para a atualidade e para a continuação de seu percurso, como aponta o último capítulo de seu livro em que, abordando as lacunas em Winnicott, relança Winnicott no século XXI frente às novas abordagens sociológicas e culturais da questão do gênero.

Na minha leitura do texto, fica desenhada a abordagem analítica do menino na menina e a menina dentro do menino. Esta é uma grande contribuição de Winnicott para a clínica, para a figuração, para a elaboração imaginativa do corpo erógeno na elaboração das fantasias sexuais. A elaboração imaginativa da vagina impõe uma regressão ao oral e ao anal, que só terá correlato para o homem quando se dispuser a constituir um objeto subjetivo conjunto no amor erótico e elaborar imaginativamente a vagina da mulher e a inscrição de uma abertura em seu próprio pênis acolhendo-a em sua positividade de sensações e, portanto, “desfantasmizando-a”. Winnicott interpreta o obscuro continente feminino de Freud ao enunciar a positividade da vagina, colocando-a como a fonte oculta e secreta do ser. Dela decorre todo o tracejado que permite abrir para a sublimação da capacidade geradora nos meninos. Freud

é um exemplo até o limite do rochedo da castração, a fase fálica que inventou nos anos 20 e que leva à própria descoberta da diferença sexual e do continente negro, conforme o texto *Análise Terminável e Interminável* e da polêmica com Ferenczi, que enunciava a positividade do útero. As colocações de Fernanda Cristina Dias fazem também pensar a sublimação nas mulheres da sua capacidade criativa e geradora.

Winnicott explora lindamente a complexidade entre mãe e filha, a partir da homossexualidade primária, a base para o ser mulher. Após a separação entre mãe e filha, há o risco de negatizar a feminilidade caso ela se fixe na fase fálica, com foco na rivalidade, onde há o investimento fálico do corpo. Mas se há uma identificação com a mãe em outras bases, torna-se possível, para a menina, reconhecer um corpo semelhante ao dela, mas singular, promovendo a elaboração imaginativa da vagina. A vagina, então, será acessada pelo pênis ou outro meio, como por sensações, por exemplo. Desta forma, a elaboração imaginativa da vagina se tornará pré-consciente ou subconsciente e será sublimável.

Em 2021, ano de defesa da dissertação que deu origem a este livro, da qual tive a honra de ser parte da banca virtual, líderes de Estado mulheres tiveram muito sucesso no controle da pandemia do COVID-19. Muitas delas, jovens mulheres criadas pela mãe, apenas. Elas pareceram dar razão a um comentário feito por Freud em 1911 de que se houve um matriarcado na história primitiva da humanidade ele esteve mais relacionado ao funcionamento da sociedade do que ao poder propriamente dito, um funcionamento democrático e horizontal.

O leitor que começa agora sua leitura terá certamente um tempo de aprendizado prazeroso, profundo e transformador.

Renata Udler Cromberg

São Paulo, 3 de abril de 2022.

